

Julia Donaldson

Axel Scheffler

A FILHA DO GRUFALÃO



Verbo



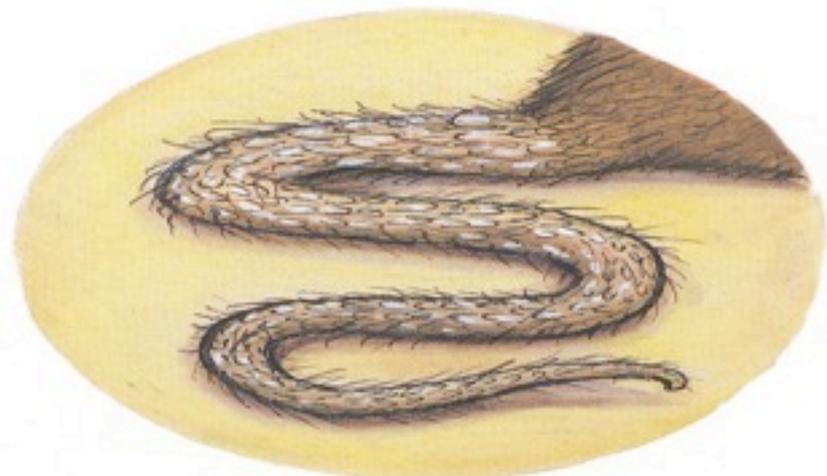
– Nenhum grufalão deve entrar
na floresta escura – avisou o Grufalão.
– Porque não? Porque não?
– Porque vem o Grande-Rato-Mauzão
e come-te – respondeu o Grufalão.
– Vi-o uma vez e fugi sem parar.



– E como é ele, papá? É grande
e malvado como outro não há?

– Já não me lembro bem – disse o Grufalão a começar.
Depois, coçou a cabeça e pôs-se a falar:





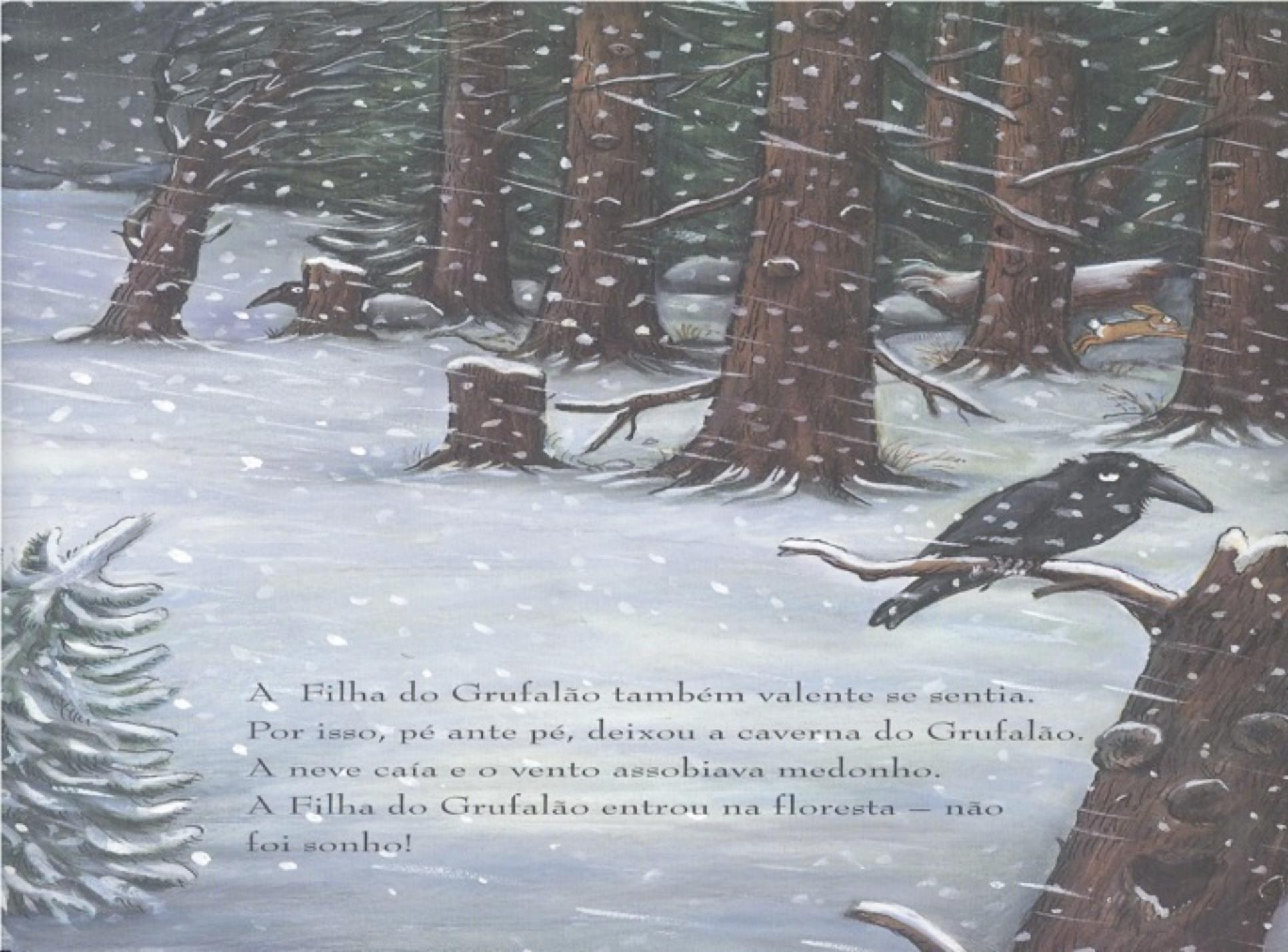
– O Grande-Rato-Mauzão tem uma força notável e a sua cauda, cheia de escamas, é interminável.



Os olhos parecem lagos de fogo horríveis e os bigodes, mais duros que arame, são terríveis.



Uma noite, tudo estava coberto de neve,
o Grufalão roncava e a Filha se aborrecia.



A Filha do Grufalão também valente se sentia.
Por isso, pé ante pé, deixou a caverna do Grufalão.
A neve caía e o vento assobiava medonho.
A Filha do Grufalão entrou na floresta – não
foi sonho!



– Ah! Oh! Um rasto na neve que cai!
De quem é este rasto e onde é que ele vai?
Uma cauda saía dos toros junto ao chão.
Seria a cauda do Grande-Rato-Mauzão?



A criatura deslizou cá para fora.

Os olhos eram pequenos e os bigodes, nem vê-los!



– Tu não és o Rato! ...

– *Eu não* – disse a cobra. – *Mas ele está aqui ao pé,
a comer grufalão feito em puré.*



O vento assobiava medonho e a neve caía sem parar,
mas a Filha do Grufalão dizia: – A mim não hão-de assustar!



– Ah! Oh! Marcas na neve!

De quem são estas marcas de garras? E para onde vão?
Dois olhos brilhavam no cimo da árvore.
Seriam os olhos do Grande-Rato-Mauzão?



A criatura voou até cá abaixo.

A cauda era pequena e os bigodes, nem vê-los!



– Tu não és o Rato! ...

– *Uh, uh, eu não* – disse a Coruja. – *Mas ele está aqui ao lado a comer grufalão assado.*



O vento assobiava medonho e a neve caía sem parar,
mas a Filha do Grufalão dizia: – A mim não hão-de assustar!



– Ah! Oh! Pegadas na neve!

De quem serão estas pegadas e onde será que vão?

Até que enfim, bigodes! E uma toca no chão!

Seria esta a casa do Grande-Rato-Mauzão?



A criatura esgueirou-se cá para fora,
mas os seus olhos não eram horríveis,
a cauda não tinha escamas
e os bigodes não eram terríveis.



– Tu não és o Rato! ...

– *Oh não, eu não. Ele está ali no mato
a beber chá de grufalão.*



– Isto é uma partida! – disse a Filha do Grufalão.
E sentou-se num cepo outra vez aborrecida.
– Eu não acredito no Grande-Rato-Mauzão.



– Mas, olha quem ali vem a sair do buraco...
Não é grande, não é mauzão,
mas pelo menos é um rato.
Humm, que bem deves saber, quando
estiveres no meu prato.



– *Espera!* – disse o ratinho. – *antes de me comer,*
o meu amigo devias conhecer.

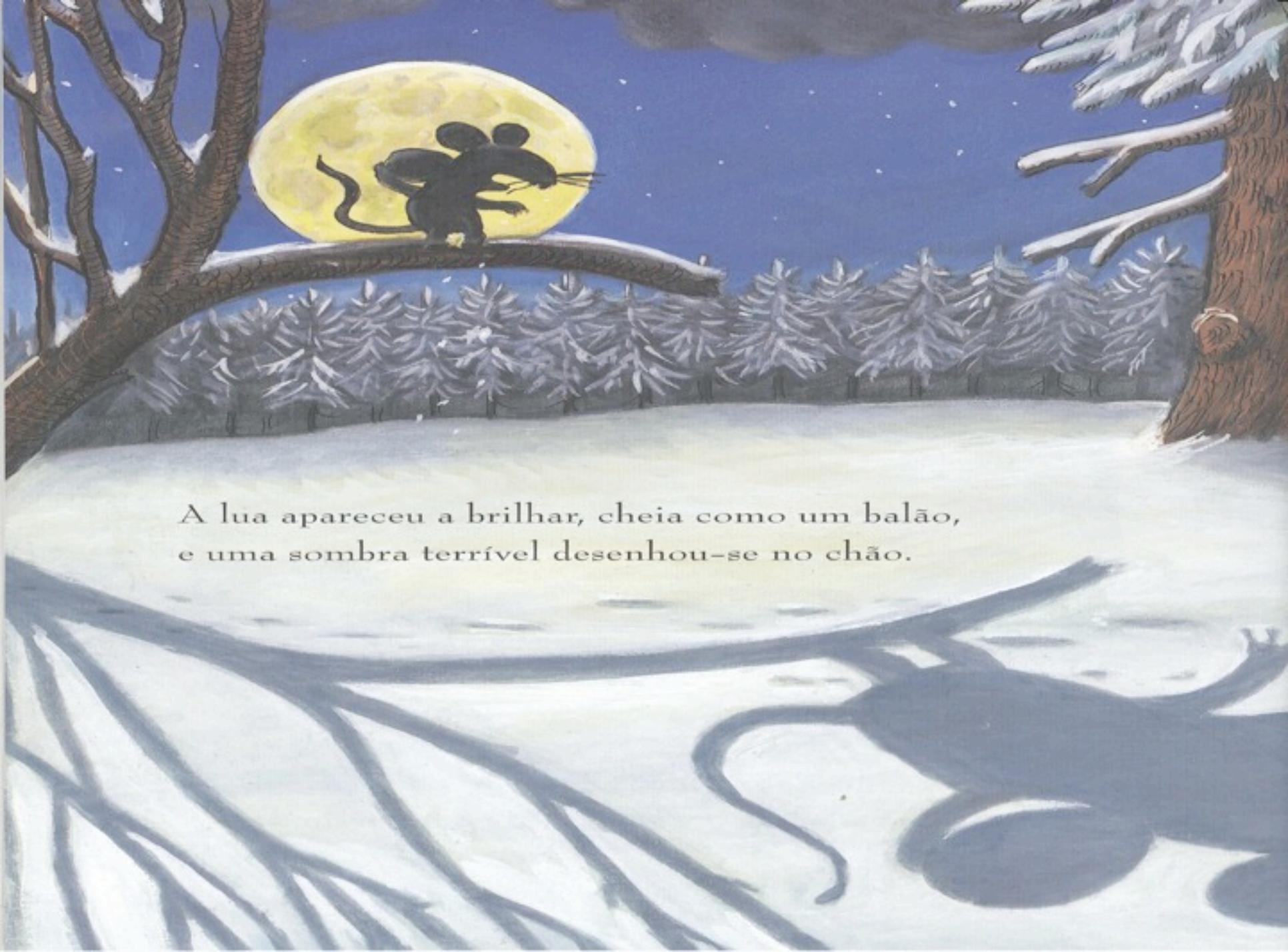
Deixa-me subir àquele ramo que logo o chamo.

É tão grande e mau que só se acredita depois de o ver.





A Filha do Grufalão logo abriu a mão.
– O Grande-Rato-Mauzão!... Ele existe afinal!
O ratinho subiu ao ramo e pôs-se a fazer sinal.

An illustration of a snowy night scene. In the upper left, a large, bright yellow full moon is visible against a dark blue sky with a few stars. Two black silhouettes of figures are perched on a snow-covered tree branch in front of the moon. The ground is covered in snow, and long, dark shadows of trees and branches stretch across it. In the background, a line of snow-covered evergreen trees is visible. The overall mood is quiet and mysterious.

A lua apareceu a brilhar, cheia como um balão,
e uma sombra terrível desenhou-se no chão.



Quem era aquela criatura tão feia e feroz?
Com cauda, olhos pavorosos e bigodes espantosos,
carregando às costas uma enorme noz?

– O Grande-Rato-Mauzão! – gritou a Filha do Grufalão.
O ratinho sorriu e saltou para o chão.





– Ah! Oh! Marcas na neve.
Estas pegadas de quem serão? Onde é que elas vão?

As pegadas iam até à caverna do Grufalão.

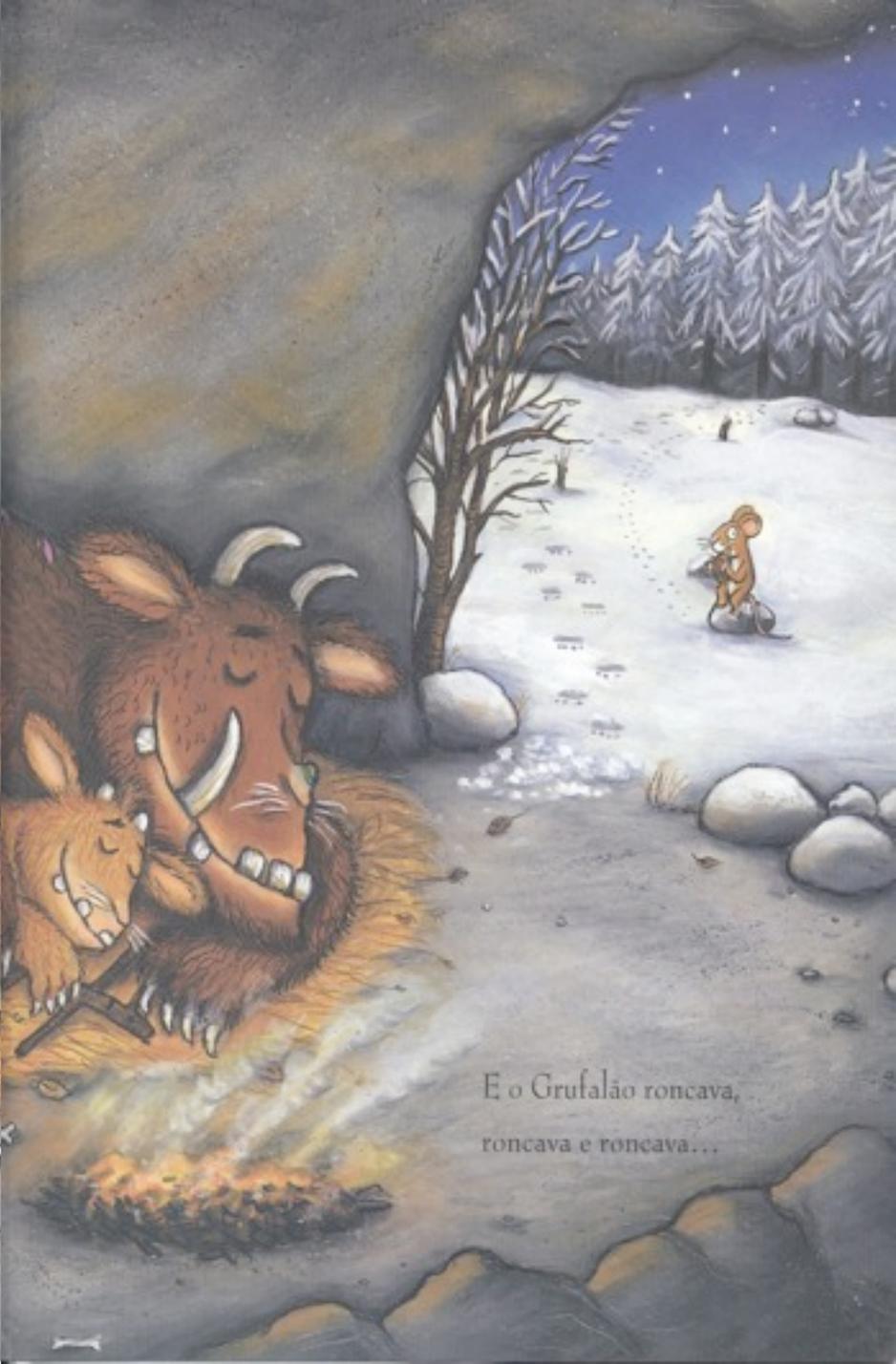


A Filha do Grufalão sentia-se um pouco menos destemida.



A Filha do Grufalão também se sentia menos aborrecida.





E o Grufalão roncava,
roncava e roncava...